O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

(AVENÇADO)

ANO 34.º — Sábado, 29 de Novembro de 1941 — N.º 1709

VISADO PELA CENSURA

As despesas de guerra

A Inglaterra tem gasto milhões sôbre milhões de libras, e da Itália chega-nos a notícia de que, desde Julho de 1940 até Outubro do ano corrente, quinze mezes, foram gastos nada menos do que setenta e seis biliões de libras, mais de 80 milhões de contos!

E afinal para quê? O homem deve manifestar-se pela construção e não pela destruïção.

O Natal do Expedicionário

Há mezes que consecutivamente soldados portugueses saiem o estuário do Tejo em direcção às nossas diferentes possessões ultramarinas, que são outros tantos pedaços do coração e da alma de Portugal.

Muitas dessas fôrças expedicionárias têm sido alvo de justas, quentes, carinhosas e afectuosas manifestações populares e outras têm merecido do Estado nobilíssimas distinções e louvores, pelo garbo, aprumo e elevada dignidade militar com que se têm apresentado para ocupar os seus postos de honra e de dever.

Perante o drama europeu, Portugal prepara-se para todas as eventualidades, porque do futuro ninguem sabe nada, ou antes—*o futuro a Deus pertence.*

O que é evidente é que o Govêrno não aguarda a última hora para depois atrapalhadamente improvisar um exército de defeza, que continue as tradições de bravura e de heroismo das nossas instituições militares.

O Govêrno, pela mão previdente, organizadora e sábia de Salazar, que, ocupando a pasta dos Estrangeiros conhece, como poucos, as necessidades da pasta da Guerra, que está também debaixo do seu comando, silenciosamente, sem alarmes ou precipitações, quási sem o sentirmos, tem preparado, dentro das nossas possibilidades, um exército que dignifique e enobreça a nação. E, assim, dia a dia, as nossas colónias estão a receber soldados portugueses, que vão desempenhar a missão de salvaguardar a soberania, a intangibilidade e a independência do nosso império.

Feliz, muito feliz, portanto, a ideia do *Natal do Expedicionário.*

Quando se está longe da nossa terra, da família, do ambiente em que sempre se viveu, dos amigos, das nossas relações, daquela païsagem, quer da natureza, quer humana, quer da cidade, da vila ou da aldeia, que os olhos vêm e o sentimento apreende, é que se sente o valor, a verdade, a poesia, a comoção cheia de afectuosidade, que não é bem tristeza, que não é bem alegria, do estado de espírito que se chama *saüdade* e que é indefinível pelo raciocínio.

Quando se está longe e surge ao pensamento «a nossa terra», que dezenas de recordações, de pormenores de ideias, de figuras, de imagens e de grandes e pequenas coisas a que nos sentimos prêsos e ligados por um fluido misterioso da própria vida, se recortam e desenham lucidas, vivas, iluminadas, palpitantes, quási reais, ao espírito, que se deleita em visioná-las e revivê-las!

Quando se está longe da nossa terra, tudo, até o que não presta e aquilo em que ninguem detem o olhar e o pensamento, tem valor, ocupa o seu lugar, na luminosa tela da nossa imaginação e na festiva romaria das nossas evocações.

Ninguem como o soldado, simples, desafectado, bisonho, rural, português de Portugal, mas muito português da sua aldeia ou do seu bairro, sente a nostalgia da sua terra com os encantamentos que só êle conhece, aprecia e saboreia.

O Natal é, no tempo, na vida e na história, uma quadra cheia de expressão, de vigor, de energia tradicional, em que se sente que uma comunhão vital e profunda prende os vivos aos vivos, os vivos aos mortos, o presente ao passado e ao futuro, o transitório ao eterno.

O Natal é uma data suprema e máxima para o homem e para a família.

Sem a existência do Natal, síntese do amôr, da bondade, da piedade e da caridade cristãs, o homem, a família, a humanidade, o universo que nos rodeia e de que fazemos parte, sentir-se-iam inteiramente diminuidos.

Se o soldado sente, como ninguem, a nostalgia, a essência subtil da saüdade, também como ninguem sente a magnitude e a grandeza do Natal, da tocante e abençoada festa do lar.

A saüdade da terra e a festa do Natal são duas sensibilidades que se entrelaçam e que enchem o coração do soldado, que, lá longe, em vigilia de armas, é a sentinela viril e máscula do Império, que por êle, como sempre, se baterá, que por êle cumprirá galharda e honrosamente o seu dever.

A lembrança, objecto material, a enviar ao militar expedicionário, será, na ordem espiritual e moral, o vínculo que une o espírito do soldado ao espírito da sua terra e ao espírito da família e do lar.

A lembrança, ou símbolo de amizade, ou de simpatia, ou de fraternidade, é a manifestação vibrante de que no Natal, festa portuguesa e festa universal, o soldado assim como está presente na defeza da Pátria, igualmente está presente no coração dos portugueses, que, unidos e solidários, lhe testemunham a sua gratidão indelével e comovida.

J. Carreira

IMPRENSA

O Ilhavense

Trinta anos! Também já por lá passámos e sabemos, portanto, o que nos tem custado a aguentar a vida do jornal, mórmente quando o mar se agita e é preciso estar atento às arremetidas das vagas... Por isso avaliamos da satisfação de José Pereira Teles ao registar o aniversário do *Ilhavense*, de que é director, e ao recordar o tempo passado, orgulhoso por ter conseguido vencer todas as dificuldades encontradas durante a longa caminhada já percorrida. E' que se trata de satisfação legítima, honrosa e que só se verifica quando se tem a consciência do dever cumprido.

Um afectuoso abraço ao colega amigo.

Nova Câmara

Em conformidade com as disposições do Código Administrativo, reüniu na terça-feira o Conselho Municipal que elegeu novos vereadores para o futuro quadriénio a principiar em 1 de Janeiro de 1942. A lista votada continha êstes nomes:

Efectivos

Eng.º Domingos Alexandre Mateus de Lima, Dr. Artur Marques da Cunha, Dr. Manuel Marques da Silva Soares, Dr. José Gomes Bento, Ricardo Pereira Campos e Arnaldo Estrêla Santos.

Substitutos

Francisco Pereira Lopes, José Augusto Martins Taveira, Dr. Fernando Calisto Moreira, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Marcelino de Oliveira Sérgio e Dr. José Augusto Soares da Costa Gois.

Na presidência continua o sr. dr. Lourenço Peixinho, que ainda não terminou o seu mandato.

Tremor de terra

Pelas 18 horas e cinco minutos de terça-feira sentiu-se nesta cidade um forte abalo sísmico, com ruidos subterrâneos, que, felizmente, não causou vítimas ou quaisquer prejuizos materiais. Nem cá, nem nos outros pontos do país onde, também, foi registado.

Congratulamo-nos por assim ter acontecido, tanto mais que os observatórios sismológicos de todo o mundo o assinalaram com uma importância tal que os aparelhos registadores ficaram destruídos!

O TEMPO

Sim, senhor: dias lindíssimos, formosos, de autêntico verão de S. Martinho, os que temos tido esta semana!

E as noites de luar claríssimo, que até parecem de Janeiro ou de Agosto?

Delicioso Outono!

Mas isto ainda durará muito?

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Seriado nacional

Na próxima segunda-feira passa mais um aniversário da independência de Portugal, pelo que estarão fechadas as repartições públicas, encerrando, também, o comércio e paralizando as indústrias.

E' o que se chama um dia de feriado completo.

Promoção e transferência

Pela última *Ordem do Exército* foi promovido a alferes, para o Q. S. A. E. sendo colocado na E. P. de Artilharia (Vendas Novas) o sargento-ajudante sr. José Rodrigues de Sousa, que há muito fazia serviço no regimento de Cavalaria 5.

O novo oficial despediu-se, no domingo, dos seus antigos camaradas, oferecendo-lhes um fino *copo de água* que serviu de pretexto a que usassem da palavra o sargento-ajudante Trigueiros, os 1.os sargentos Amorim, Figueiredo e Vaz Pinto e os 2.os Roxo, Marques e Hamilton.

No final, o alferes Sousa, a quem também felicitamos, agradeceu as palavras amigas com que o distinguiram, afirmando que muito se honrou em ter pertencido, durante muitos anos, à briosa classe dos sargentos.

Ser responsável

Dum recente artigo do ilustre catedrático, doutor Serras e Silva, transcrevemos:

Ser responsável é ser livre. Não há responsabilidade sem liberdade; livre para deliberar, livre para resolver e livre para executar. Quantas vezes a liberdade falta total ou parcialmente em algumas destas operações! A razão tem o principal papel na deliberação, mas na resolução e, sobretudo, na execução é a vontade que domina. Os fracos de vontade, os tibios e os medrosos não têm o gôsto da responsabilidade.

E' um dos atributos principais da dignidade humana, êste gôsto de ser responsável, de assumir a responsabilidade. E' sinal de vigor e de capacidade.

Mais adiante:

Na Inglaterra, o gôsto da responsabilidade é geral. Não se encontra apenas nas camadas superiores da nação: é apanágio da raça, graças à educação que se faz na família, na escola e na sociedade. Ser responsável é ser alguem. Naquele país todos são responsáveis. A garantia da irresponsabilidade é olhada naquele país com desdem e desconfiança. Os funcionários são responsáveis perante o público e são julgados nos tribunais comuns, como tôda a gente. Não há privilégios. Um polícia exorbitou, prendeu um alcoólico no limiar da sua habitação, violou o domicílio, embora tivesse iniciado a operação na rua? Cometeu dois delitos—a violação do domicílio e a denuncia da embriaguez (difamação) que era secreta nêste caso. Pagou duas multas de 50 libras cada uma.

E continuando o mesmo pensamento:

Culpa minha se não escolhi bem»—dizia uma mulher do povo, na Inglaterra, quando a filha lhe propunha que metesse o pai alcoólico no asilo.

—E' meu marido, casei com êle para o melhor e para o pior, sustentá-lo-ei.

Que nobreza! Não renegar as responsabilidades, não fugir a elas debaixo de especiosos pretextos.

Exercer lugar de grande responsabilidade é motivo de orgulho, na Inglaterra.

Entre nós, os portugueses, também há êsse orgulho. Só com a diferença: é que a percentagem dos que o possuem perde-se no turbilhão de quantos vivem da empenhoca e do compadrio que lhes encobre tôda a casta de poucas vergonhas.

CARTAS

Novembro, 1941

Minha querida:

Portugal comemorou, há dias, o 481.º aniversário da morte do Infante D. Henrique.

Foi nos Jerónimos, naquela igreja histórica de tão nobres e altas tradições, mandada construir pelo rei Venturoso para assinalar os feitos marítimos dos portugueses e a descoberta do caminho das Indias, que o sr. Arcebispo de Mitilene evocou o grande português, que levou a pátria às descobertas e conquistas.

Sentado no promontório de Sagres, olhos fitos no mar, o Infante da *inclita geração*, sonhava sempre num Portugal maior, que o mar separaria daquele onde nascera, mas que nem por isso seria menos lusitano. Ou os marinheiros não fôssem daquela mesma raça dos soldados que, a golpes de montante, ajudaram Afonso Henriques na luta contra os infieis.

E como no seu génio de cientista, se radicava a certeza de que, para além das terras conquistadas outras havia, a sua frase era sempre a mesma, quando lhe anunciavam uma nova vitória:

—*Mais alem!*

A sua louvável ambição, a sua perpétua ânsia de dilatar o império, fez que a sua divisa perdurasse e fôsse também a dos que vieram depois. *Mais além!, mais além!*—dizia êle, e a sua voz continuou a ouvir-se com o rodar dos tempos e a encontrar éco na alma aventureira da gente lusitana, que levou a bandeira portuguesa e a sua fé a todo o mundo—às terras escaldantes de A'frica, às da A'sia e às de Santa Cruz.

Anos e séculos volveram e o Portugal de hoje não pode ir *mais além* na descoberta, mas a frase do Infante, embora com outro sentido, tem ainda e terá sempre oportunidade e cabimento.

Mais além, não no dilatar da Pátria, mas na prosperidade e na grandeza dela. E agora, presentemente, nesta época de guerra e de misérias, *mais além* na luta pela paz e pela felicidade do povo, na índole e na alma digno descendente do Infante D. Henrique, o solitário e o contemplativo do promontório de Sagres.

Um abraço da

Zèmi

Os estremos tocam-se

Quando uma das mais aplaudidas peças de Shaw foi representada, pela primeira vez, em Dublin, as palmas não mais terminavam, e o público, entusiasmado, chamava o autor ao palco. Apenas, na primeira fila da plateia, um espectador, furioso, pateava a peça, assobiando ruïdosamente. Alguem preveniu Shaw, e êste, voltando-se para o espectador irritado, que pateava a sua peça, gritou-lhe em voz alta:

—«Estou inteiramente de acôrdo com o cavalheiro. Mas, diga-me: o que vamos fazer nós dois, sòzinhos, contra a opinião de tanta gente?»

O público riu, ovacionou-o e continuou a aplaudir, ainda com maior entusiasmo, o famoso dramaturgo britânico, detentor do Prémio Nobel e denunciante impiedoso das hipocrisias sociais.

Nobre missão

Grupos de tricanas percorreram na segunda-feira a cidade, angariando donativos para a aquisição de especialidades regionais destinadas aos nossos soldados, ausentes na A'frica e nos Açores, por ocasião do Natal.

Foram acolhidas com simpatia.

Até quando?

Aquelas ruinas do ciclone de Fevereiro, mesmo à entrada da Repartição de Finanças, ficam eternamente ali ou quê?

Há coisas que nesta terra custam tanto a fazer-se!...

Um avarento

De Wellington transmitem a notícia de que um advogado de Oakland, ao examinar o espólio de um velho misantropo, encontrou, guardadas em diversos móveis dispostos pela casa tôda, maços de dinheiro em notas encerradas em envelopes e grandes somas de moedas de prata dentro de caixas de lata. O tal misantropo contava 83 anos, vivia só e era proprietário do único moinho de vento que ainda existe na Nova Zelandia, o qual forneceu farinha para as tropas imperiais durante a campanha contra os maoris em 1860-70.

Ora classificar êste bipede de misantropo, é favor. O que se lhe deve chamar é avarento, mas dos tais que metem nôjo—por serem usurários ao ponto de preferirem vêr morrer de fome os seus semelhantes a repartir com êles um pouco do que têm e não precisam.

Resta-nos a consolação de que não levam a riqueza para o outro mundo e a alguem ainda há-de ser útil—embora tarde.

O «Santa Princeza»

Entrou ante-ontem de manhã em Leixões o *arrastão* da Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da, trazendo da Groëlandia mais 15.000 quintais de bacalhau.

Mas nem por assim ser se compra mais barato.

RUA DE VIANA DO CASTELO

Esta artéria do coração da cidade pede urgente concêrto de modo a evitar que os seus estabelecimentos sejam invadidos pelas águas das chuvas que nela se aglomeram por falta de vasão.

A' Câmara, compete, desde já mandar proceder a êsse serviço enquanto não chega o inverno.

Aqui fica a lembrança.

As laranjeiras

Nos nossos sítios não se enxerga nelas um único fruto para amostra.

Causas? Ainda o ciclone, que as castigou duramente.

O carrilhão municipal

Repicou festivamente na terça-feira de tarde para efeitos da gravação de sons.

A posteridade saberá agradecer.

Carta de Lisboa

Nova manifestação

Constituiu mais um pretexto, admirável a todos os títulos, para o país manifestar, de norte a sul, a sua muita consideração pelo venerando Chefe do Estado—a passagem do 72.º aniversário natalício do sr. General Carmona.

Por êsse facto, todos os nacionalistas fizeram chegar até à cidadela de Cascais os seus cumprimentos de felicitações ao cidadão venerando sob cuja égide tem sido possível Portugal retomar o caminho histórico da mais completa e perfeita ressureição.

O sr. Presidente da República merece, de facto, todas as manifestações e mais do que isso—todos os agradecimentos. E' que sem a direcção suprema do insigne estadista que é o sr. General Carmona, é muito possível que a obra inegualável de Salazar tivesse tido que vencer ainda maiores dificuldades do que aquelas sôbre as quais tem logrado passar.

Carmona e Salazar completam-se e êste período admirável da história pátria pode ter como legenda apenas duas palavras: os nomes dos dois grandes e patrióticos chefes do Portugal-Novo.

Produzir e poupar

A nova nota oficiosa do ministério da Economia, aconselhando a nação a produzir e a poupar, visto que tal lêma continua a ser a regra que todos devemos seguir nesta emergência grave, foi recebida em todos os meios com o maior e mais compreensível aplauso. A nossa primeira cidade sente nítidamente a necessidade de, nêste capítulo como em todos os demais, se cumprirem estritamente as determinações governamentais.

Se não soubermos estar, nêste momento gravíssimo, à altura das nossas responsabilidades, bom é que nos lembremos que corremos risco muito sério.

Produzir e poupar deve ser, de facto, nêste momento o lêma orientador de tôda a nossa acção. Se o realizarmos, como devemos, ficaremos seguros e certos de que poderemos e saberemos vencer todas as dificuldades do presente momento.

Produzir e poupar!

Produzir cada vez mais e melhor. Poupar cada dia com um maior e mais certo espírito de economia.

CORDEIRO GOMES

O preço do sal

Dizem que está caro êste produto da nossa ria. Realmente assim acontece. Mas explica-se. A safra, êste ano, foi escassa, cêrca dum têrço das safras normais. Por tal motivo, os *marnotos*, que vivem de inverno do resultado da produção, procuram, como é uso antigo, aproveitar os melhores preços. E deste modo, depois de cobrirem os montes do precioso tempero, que ficam nas eiras, esperam a melhor ocasião de venda, sempre feita a ôlho, por calculo, visto não haver ainda uma medida que a regule. A maior parte das vezes ficam mal, porque o comprador, que é o principal avaliador, não se esquece de defender os seus interesses...

Falando com pessoa autorisada sôbre o assunto, disse-nos:

— Os *marnotos* nunca venderam o sal a pêso, nem nas marinhas algum dia se vendeu sal por medida aferida ou equivalente. As transações fizeram-se sempre por avaliação entre as partes contratantes. Ainda o *vagon* é que serve mais ou menos de medida embora não tenha rigorosamente o significado de 10.000 quilos, visto a avaliação lhe dar, às vezes, pesos de 12, 14 e 15.000 quilos, dizendo-se, então, que as *avaliações estão baixas*, em virtude de as considerarem *altas* quando o *vagon* atinge 10.000 quilos.

Em conclusão: não se julgue que existe especulação no preço actual do sal da nossa terra. Nada disso. Quantas vezes êle tem sido vendido a 2.000$00 e mais, como sucedeu, por exemplo, no ano da grande cheia, em 1937.

Ora se êste ano o valor do trabalho é muito mais elevado do que nos anos anteriores em conseqüência das cheias, das chuvas, dos nevoeiros, enfim, de tôdas as variações climatéricas do verão, que obrigaram a esforços quási sôbre-humanos para se conseguir a diminuta produção de sal que tivemos, julgamos não haver exagêro no preço por que tem sido efectuada a sua venda se se atender a tudo quanto, com a maior clarêsa, fica exposto.

* * *

Depois de escritas estas linhas, lêmos que por despacho do sr. Ministro da Economia acaba de ser fixado em $40 o litro, o preço máximo de venda do sal ao público em Lisboa e todos os concelhos produtores dêste artigo, e em $45 nos restantes concelhos do país.

A venda, por grôsso, deverá ser feita nas seguintes condições:

Sal comum, pôsto nas marinhas — Bacia do Tejo.

Sal fino, 220$00; traçado, 200$00; Grosso, 180$00.

Nas restantes regiões 150$00.

O preço de venda por intermediários, em qualquer ponto do país, não poderá exceder os preços atrás indicados, acrescidos de 15 % e mais as despesas de transporte.

Mocidade Portuguêsa

Comemora o 1.º de Dezembro com o seguinte programa:

A's 10 horas, missa na Sé, por alma dos portugueses que morreram pela Independência da Pátria, cantada pela Mocidade Portuguesa Feminina. Ao Evangelho será proferida uma alocução patriótica.

A's 11 h, e 30 m., concentração, junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, de contingentes da Guarnição Militar, Legião Portuguesa e Mocidade, a-fim-de prestarem honras às bandeiras da Restauração e Nacional.

A's 15 horas, no Teatro Aveirense, sessão solene, seguida duma exibição de filmes, obsequiosamente cedidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

Bombeiros em festa

Completa ámanhã 33 anos de existência, consagrados ao bem comum, a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que os festejará consoante o seguinte programa:

A's 8 horas— Hastear da bandeira no edifício da séde, percorrendo, em seguida, a Banda da Companhia as principais ruas da cidade, em sinal de regosijo.

A's 10 horas—Romagem aos cemitérios e visita às campas dos elementos que em vida fizeram parte dos Corpos Activo e Auxiliar e ainda de pessoas amigas da Companhia, devendo aquelas ser cobertas de flôres.

Das 21 às 24 horas—Concêrto pela respectiva Banda no largo fronteiro à séde.

Ao contrário do que dissémos, o novo pronto-socorro não pode ser agora inaugurado, ficando essa cerimónia transferida para dia a designar oportunamente.

O Democrata, não esquecendo os serviços que à cidade tem prestado a benemérita Companhia, saúda-a efusivamente na passagem do seu novo aniversário.

Visitai o Parque da Cidade

Sardinha a 8 tostões!

Se aquêles que a compraram nesta época, chamada da salga, a 25 por um vintém — fresca, gorda, apetitosa —cá pudessem vir do outro mundo e lhes pedissem 20$00 pelo quarteirão, certamente ficavam aterrados.

Pois é a como já se pagou para as bandas de Vila do Conde.

Mas se fôsse só isto!...

Exposição do Intercâmbio Escolar

Aos liceus e direcções dos Distritos Escolares do continente, foram remetidas as manufacturas—num total de cêrca de 80.000 — que figuraram na *Primeira Exposição Geral de Lavores e Trabalhos Manuais Educativos* realizada em Portugal, e que os Serviços do Intercâmbio Escolar da Sociedade de Geografia promoveram e organizaram.

Examinados os trabalhos expostos e tendo em vista o esfôrço e a competência técnica das direcções dalguns serviços e estabelecimentos de ensino que concorreram à referida Exposição, o Júri resolveu conferir-lhes Menções Honrosas, pelo que também coube ao Liceu desta cidade essa distinção.

Congratulamo-nos.

Produzir mais — imperativo de tôda a hora

As circunstâncias económicas provenientes da guerra, às quais, por várias vezes, se referiu já o Ministro da Economia, obrigam-nos, como é óbvio, a produzir mais, para o abastecimento do país. Não se pense, todavia, que isto de produzir mais é mero imperativo da hora presente—ou que, se não fôssem aquelas circunstâncias, podiamos viver produzindo com menos afinco e actividade.

Há um princípio na doutrina do Estado Novo, que por palavras de Salazar, assim desenvolvemos: «O problema social é o problema da repartição da riqueza—problema que só tem solução eficaz com o aumento da produção.» Ora, se o problema social, *em sua verdade simples*, para os que não têm outra fonte de rendimento senão o trabalho, é o *salário justo;* e se êste se não deve arbitràriamente estabelecer, mas só de harmonia com as condições económicas do patrão (o que também é justo) e digam-nos se a solução do problema social não está, como Salazar o afirmou, no aumento da produção; e se êste aumento não é, portanto, um imperativo de tôda a hora, pois que também Salazar o asseverou: «enquanto houver um lar sem pão, a Revolução continua».

Tenhamos presente ao espírito esta verdade, e sejam particularmente os filiados da União Nacional os que a não desprezem, porque, sendo êles quem «defende e propaga» a doutrina do Estado Novo, são, por isso, obrigados a incutir em todos os demais portugueses o dever de todos produzirmos mais e melhor, para que por todos se reparta com mais abundância e justiça o pão de cada dia —e a Pátria prospere com a prosperidade de todos.

Baile no «Recreio»

E' hoje que se realiza a anunciada *soirée* que tanto interêsse está a despertar entre a mocidade folgazã.

Oxalá decorra animada.

Notícias militares

Pelo Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10, foram mandadas afixar relações nas freguesias de Aradas, Cacia, Esgueira e Senhora da Glória, dos mancebos destinados ao serviço da Armada, e que deverão fazer a sua apresentação no Corpo de Marinheiros do Alfeite no dia 9 de Janeiro do próximo ano de 1942.

Nota dos géneros distribuidos aos armazenistas de Aveiro

Armazenistas	9.ª Distribuição Assucar (sacos)	17.ª Distrib. Bacalhau (fardos)	18.ª Distrib. Bacalhau (fardos)
Albino Miranda, L.da	18	5	5
António Pascoal	27	16	18
Belo & Morais	18	14	16
Bruno da Rocha & C.ª	31	17	19
Cruz & Peralta, L.da	5	5	5
Lau & Filhos	28	39	42
Pinho & Fernandes, L.da	45	29	31
Testa & Amadores		20	21
Ulisses Pereira, L.da		12	14

Mensalmente se dará conta ao público dos géneros atribuidos aos armazenistas de Aveiro.

Govêrno Civil de Aveiro, aos 22 de Novembro de 1941.

O GOVERNADOR CIVIL,
JOSÉ D'ALMEIDA AZEVEDO

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos, no dia 23, a sr.ª D. Lidia da Costa Crêspo, residente em Cruz da Légua (Alcobaça) e ontem o sr. António dos Santos Neves, proprietário da Leitaria Chic, *e também sua esposa; hoje, fá-los a tricaninha Maria da Ascenção Graça, filha do sr. Manuel Dilalma Graça, e o menino Vitor de Azevedo, filho do nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo, importante industrial em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); àmanhã, o sr. Acurcio Maia de Albuquerque, professor oficial em Silveiro (Oiã) e o inocente Alberto Arménio, filho do sr. alferes Alberto Exposto, residente em Algés; no dia 1 de Dezembro, as sr.as D. Maria Madalena Rebocho de Albuquerque Cristo, esposa do sr. dr. Antônio Cristo, advogado na comarca, e D. Urbilia Souto Ratola Amaral, professora oficial e esposa do sr. Fernando Amaral, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açores; em 2, o estudante Amilcar de Lima Gouveia, aluno da Universidade de Coimbra, e filho do sr. Manuel Gouveia, e o sr. Mapril Guerra Orfão, ausente em Luanda (Africa Ocidental); em 3, a distinta pianista sr.ª D. Joana Tavares de Melo, filha do sr. Crisanto de Melo; em 4, a gentil tricaninha Otilia de Lemos e o nosso amigo Alvaro Ferreira da Silva, comerciante na Batalha, e em 5, as sr.as D. Maria F. Mourão Gamelas Santana, D. Edmea Gomes Craveiro, D. Maria Julia Seabra de Oliveira e D. Maria da Conceição Pitarma, esposas, respectivamente, dos srs. tenente Manuel Nogueira Santana, residente em Maceira de Cambra, dr. Eduardo Vaz Craveiro, médico em Ilhavo, Virgilio de Oliveira, das caves do* Barrocão, *e Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa, e o sr. João Vieira da Cunha, da* Livraria Universal.

—Em Sangalhos foi festejado, no domingo, o primeiro aniversário do inocente Mário Manuel, filhinho da sr.ª D. Ismália Malaquias da Naia Ferreira e de seu marido o sr. dr. Manuel Seabra Ferreira, médico naquela localidade, e neto do coronel-farmacêutico sr. Francisco Marques da Naia.

Parabens.

Doentes

Em Lisboa continua bastante doente o nosso conterraneo e amigo António da Maia.

Sentimos.

Secção Desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar O—A. D. Ovarense 1

O jôgo da primeira volta do campeonato regional—*Beira Mar-Ovarense*—que, segundo o sorteio, se devia realizar em Ovar, e por obra *não* dos aveirenses, foi transplantado para Oliveira de Azemeis, efectuou-se, de facto, no domingo e nêle os vareiros triunfaram do antigo club do bairro piscatório por 1-0. Em *reservas* verificou-se o empate 1-1.

O encontro rodeou-se de grande espectativa, acorrendo a O. de Azemeis algumas centenas de pessoas de Ovar, que encorajaram largamente os seus favoritos. De Aveiro deslocou-se, apenas, meia dúzia de adeptos.

Os rapazes de Aveiro não mereciam perder e um empate coadunava-se talvez melhor com o que foi a partida, uma partida áspera, dura, tal qual a impuzeram os ovarenses e que o *B. Mar* foi forçado a aceitar, respondendo, quási, à letra...

Pouco depois de iniciada a segunda parte, Serra foi mandado sair do rèctângulo pelo árbitro e êste facto deve ter ditado a sorte do encontro.

O trabalho do árbitro podia ser considerado muito perfeito se reprimisse os excessos cometidos por alguns elementos do *team* de Ovar.

Mas adiante...

* * *

A'manhã no Estádio Mário Duarte, joga o *B. Mar* contra o *Sanjoanense.* Têm ambos o mesmo número de pontos, pelo que o desafio se deve revestir de grande emoção, tanto mais que, segundo nos consta, os aveirenses vão apresentar a linha reforçada.

A.

NECROLOGIA

Com 50 anos de idade finou-se na madrugada de domingo, Manuel Martins, reformado da P. S. P. e natural de S. Martinho das Moitas, concelho de S. Pedro do Sul.

Deixou viuva com cinco filhos e ao cemitério novo acompanharam-no alguns colegas e amigos.

* * *

Também no mesmo dia sucumbiu aos estragos duma cirrose no figado, Gaudêncio de Almeida, casado, de 60 anos.

Era natural de Penalva e não deixou descendentes.

Correspondências

Costa do Valado, 27

Consorciou-se na quinta-feira passada com Dionizio da Cruz Balseiro, de Aradas, a nossa conterrânea Maria Gonçalves Vieira, filha do abastado lavrador José Gonçalves Português.

Os nossos parabens.

—Faleceu o sr. Manuel Vendeiro Mamodeiro, viuvo, de 70 anos, que ontem de tarde foi a enterrar no cemitério da Oliveirinha com grande acompanhamento, levando a chave da urna seu genro, João Ignácio de Matos, Júnior, distribuidor dos correios em Aveiro.

Era pai do sr. Basílio Vendeiro e cunhado do nosso amigo Albano Nunes Génio, a quem enviamos sentimentos extensivos à tôda a família enlutada.

—O tremor de terra que aqui também se fez sentir, assustou bastantes pessoas que abandonaram as suas residências e saíram para a rua espavoridas.

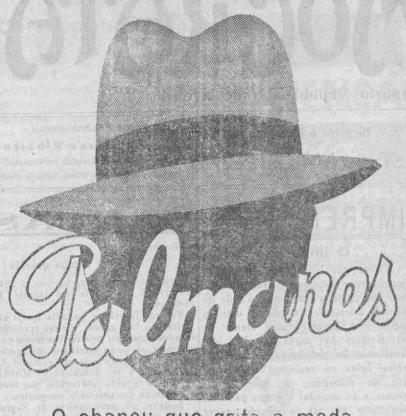
C.

Agradecimento

Laudelino de Miranda Melo e a restante familia de Conceição de Miranda Lima e Melo, de Almear (Travassô) ignorando os nomes de todas as pessoas que acompanharam o seu enterro, vem por êste meio agradecer àqueles a quem não enviaram cartões de agradecimento, a todos pedindo desculpa de qualquer falta.

Agradecem igualmente aos Amigos que enviaram cartas, cartões e telegramas e aos que tudo fizeram por prestar a sua homenagem.

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que, em conformidade com a Postura de 28 de Agosto de 1941, nenhuma casa pode ser arrendada sem que prèviamente seja vistoriada pela Comissão criada pela mesma Postura sob pena de multas ali estabelecidas e aplicadas de conformidade com o valor e rendimento dos respectivos prédios.

E para que não se alegue ignorância da referida Postura, se publica o presente edital.

Aveiro e Paços do Concelho, 20 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara
as) *Lourenço Simões Peixinho*

Câmara Municipal de Aveiro

Convocação

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

De conformidade com o artigo 66.º do Código Administrativo convoco todos os Ex.mos Vogais eleitos para a Vereação desta Câmara Municipal durante o quadriénio de 1942-1945 a reünirem-se na Sala das Sessões dêstes Paços do Concelho no próximo dia 5 de Dezembro, por 14 horas, para efeito de verificação de poderes e para a eleição do procurador ao Conselho Provincial.

Aveiro e Paços do Concelho, 26 de Novembro de 1941.

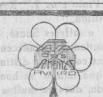
O Presidente da Câmara
as) *Lourenço Simões Peixinho*

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da comarca de Aveiro, 1.ª Vara, correm éditos de 20 dias a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Rodrigues Barbosa, divorciado, proprietário, de Cacia, para no praso de 10 dias posterior ao dos éditos, virem deduzir os seus direitos à execução por custas e sêlos que contra aquele executado move o Ministério Público.

Aveiro, 22 de Novembro de 1941.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrello Botelheiro
O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Arrematação

Publicação única

No dia 6 do próximo mês de Dezembro, por doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, à Praça da República, e na acção d'arbitramento em que são autores Pedro Gonçalves e esposa D. Maria José Lopes d'Almeida Gonçalves, desta cidade, e são reus os filhos menores de Elias Simões Instrumento e mulher, desta mesma cidade e outros, vão ser postos, em segunda praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima da metade de seus respectivos valores, abaixo designados, os seguintes prédios:

Um prédio de casas, com suas pertenças, sito na rua de José Estêvão, nesta cidade, com o valor de 9.240$00 e entra em praça por 4.620$00.

E um ribeiro de terra lavradia, sito na Presa, freguesia da Vera-Cruz, com o valor de 800$00 e entra em praça por 400$00.

Aveiro, 24 de Novembro de 1941.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes
O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara
António Augusto dos Santos Vitor

Comarca de Aveiro

Éditos de 8 dias

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção, Cristo, correm éditos de 8 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio a citar os credores do falido Manuel Ferreira Duarte, casado, comerciante, do Bonsucesso, e bem assim êste falido, para dentro de cinco dias a contar depois de findo o praso dos éditos dizerem ácêrca das contas apresentadas pelo administrador da massa falida conforme o disposto no artigo 1235 do Código de Processo Civil.

Aveiro, 22 de Novembro de 1941.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro
O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

Na execução de sentença d'acção sumária em que é exequente Viriato Moreira, casado, comerciante, do lugar e freguesia de Eixo, desta comarca de Aveiro, e são executados Manuel Luís Ferreira de Abreu e mulher, proprietários, êle residente em Tancos, e ela em Coimbra, José Luís Ferreira de Abreu, viuvo, João Luís Ferreira de Abreu, viuvo, ambos lavradores, do dito lugar e freguesia de Eixo, Porfirio Luís Ferreira de Abreu, solteiro, maior, professor de ensino primário em Alenquer, Sebastião Luís Ferreira de Abreu, casado, lavrador, e Gracinda Marques Ferreira de Abreu, como representante dos menores seus filhos Fernando Evaristo de Abreu, Maria Augusta de Abreu e Manuel Evaristo de Abreu, êstes e aquele também moradores no referido lugar e freguesia de Eixo, e no dia 6 do próximo mes de Dezembro, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta dita comarca, à Praça da República, vão ser postos em praça para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima de seus respectivos valores, abaixo indicados, penhorados na mencionada execução de sentença, e deduzido o usufruto, os seguintes prédios:

Um terreno a mato no local da Milheira, limite de Eixo, no valor de 33$00;

Um terreno a mato, no Vale Salgueiro, limite de Eixo, no valor de 2.868$80;

Uma terra lavradia, nas Voltas, limite de Eixo, no valor de 255$20;

Um terreno a mato na Horta, no valor de 26$40;

Um terreno a mato, tambem em Horta, no valor de 13$20.

E no dia 7 do mesmo mès, por 12 horas, no dito lugar e freguesia de Eixo, em casa da usufrutuaria Maria Ferreira das Neves, vão ser postos em praça, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima de seus respectivos valores, tambem penhorados na referida execução e com dedução do usufruto:

Diversos móveis e utensilios de lavoura.

Tanto êstes como os prédios estão sujeitos ao usufruto vitalicio da dita Maria Ferreira das Neves viuva, domestica e moradora no dito lugar e freguesia de Eixo.

Aveiro, 13 de Novembro de 1941.

Verifiquei.
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes
O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção, Cristo, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os crédores desconhecidos dos executados Dona Maria Rosa Simões, viuva, e seus filhos e nora Esequias Simões dos Reis e esposa Dona Hermengarda Mendes de Vasconcelos Simões dos Reis e Ismael Simões dos Reis, solteiro, maior, proprietários e êste professor da Escola de Regentes Agricolas, todos actualmente residentes em Santarem, para, no praso de 10 dias, posterior ao dos éditos, virem deduzir os seus direitos de execução que contra aqueles executados move o exequente Manuel Francisco Atanásio de Carvalho, casado, proprietário, de Requeixo.

Aveiro, 15 de Novembro de 1941.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
José Perestrelo Botelheiro
O Chefe da Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo